

COLÉGIO MADRE BÁRBARA – REDE ICM DE EDUCAÇÃO

ÁREA DE LINGUAGENS

I CONCURSO DE LEITURA EM LÍNGUAS PORTUGUESA, INGLESA E ESPANHOLA

REGULAMENTO

I – DAS APRESENTAÇÕES E OBJETIVOS

Art. 1º A Área de Linguagens do Colégio Madre Bárbara, com o apoio da Associação de Pais e Mestres, promove o I Concurso de Leitura em Línguas Portuguesa, Inglesa e Espanhola.

Art. 2º O I Concurso de Leitura em Línguas Portuguesa, Inglesa e Espanhola tem como principais objetivos:

- a) Estimular nos estudantes o gosto pela aprendizagem das Línguas Portuguesa, Inglesa e Espanhola e oportunizar o letramento nessas línguas por meio da leitura e do estudo de textos literários.
- b) Conscientizar os alunos da necessidade de aprenderem a pronunciar adequadamente as palavras, além de observarem entonação e ritmo, em momento de leituras, de acordo com a língua-alvo.
- c) Desenvolver nos estudantes a expressão oral, assim como a desinibição, estimulando a busca por um aperfeiçoamento contínuo nas línguas foco deste regulamento.

II - DO EVENTO

Art. 3º O concurso ocorrerá no dia **07 de junho de 2018**, no Miniauditório do Colégio Madre Bárbara, conforme horários abaixo:

- a) 7h30min – Concurso de Língua Portuguesa;
- b) 9h – Concurso de Língua Espanhola;
- c) 10h20min – Concurso de Língua Inglesa.

III – DAS CATEGORIAS

Art. 4º O I Concurso de Leitura em Línguas Portuguesa, Inglesa e Espanhola realizar-se-á nas seguintes categorias:

- a) **Concurso de Leitura em Língua Portuguesa:** Destinado a alunos dos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental do Colégio Madre Bárbara;
- b) **Concurso de Leitura em Língua Inglesa:** Destinado a alunos dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental do Colégio Madre Bárbara;

c) **Concurso de Leitura em Língua Espanhola:** Destinado a alunos dos 1º anos do Ensino Médio do Colégio Madre Bárbara.

IV – DA PARTICIPAÇÃO

Art. 5º Poderão participar até 2 alunos de cada turma nas categorias Língua Portuguesa e Inglesa e 3 alunos de cada turma na categoria Língua Espanhola.

V – DAS ETAPAS

Art. 6º O I Concurso de Leitura em Línguas Portuguesa, Inglesa e Espanhola será realizado em duas etapas:

- a) Eliminatória - participam todos os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental ao 1º ano do Ensino Médio em suas respectivas categorias do Trabalho Avaliativo de Leitura, por meio do qual a professora titular da disciplina, juntamente com a turma, selecionará os alunos que participarão do concurso.
- b) Fase Final – participam unicamente os classificados na fase eliminatória.

Art. 7º A Fase Final ocorrerá no dia 07 de junho de 2018, no Miniauditório do Colégio Madre Bárbara, onde os selecionados realizam a leitura de um texto perante um júri técnico, que irá avaliar e definir os ganhadores. Na mesma data, os vencedores serão divulgados.

VI – DOS CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Art. 8º Os participantes serão avaliados pela leitura de 1 dos 3 textos previamente selecionados para a sua categoria e disponíveis no anexo deste regulamento (ANEXOS A, B e C), que será sorteado no dia do evento;

Art. 9º Todos os participantes da mesma categoria lerão o mesmo texto selecionado.

Art. 10º A leitura será avaliada pelos jurados com base nos seguintes critérios:

- a) PRONÚNCIA (4.0): articulação adequada dos sons da língua;
- b) ENTONAÇÃO (3.0): modulação da leitura;
- c) CLAREZA (1.0): boa dicção;
- d) FLUÊNCIA (1.0): leitura não truncada, ou seja, sem hesitações e/ou pausas desnecessárias;
- e) RITMO (1.0): respeito à pontuação.

VII – DA COMISSÃO JULGADORA

Art. 11º A comissão julgadora do I Concurso de Leitura em Línguas Portuguesa, Inglesa e Espanhola será formada por profissionais convidados das áreas afins a que este evento se destina.

VIII – DA PREMIAÇÃO

Art. 12º Serão premiados os 3 primeiros colocados de cada categoria, estabelecidas no artigo 4º deste regulamento.

Art. 13º A premiação para os melhores leitores será assim distribuída:

- a) 1º lugar – Troféu + Vale-Livro no valor de R\$ 60,00;
- b) 2º lugar – Troféu + Vale-Livro no valor de R\$ 50,00;
- c) 3º lugar – Troféu + Vale-Livro no valor de R\$ 40,00.

Art. 14º Todos os participantes da fase final, conforme Art. 6º, receberão certificado de participação do evento.

IX - DAS DISPOSIÇÕES GERAIS:

Art. 15º A Comissão julgadora é soberana em suas decisões, não sendo admitidos recursos.

Art. 16º Os casos omissos a este regulamento serão resolvidos pela Área de Linguagens e Equipe Diretiva do Colégio Madre Bárbara.

ANEXO A – TEXTOS SELECIONADOS PARA O CONCURSO DE LÍNGUA PORTUGUESA

TEXTO 1

A MADRASTA

Havia um viúvo com três filhas. Um dia resolveu casar-se de novo — e casou com uma mulher muito má, que tinha ódio às meninas. Fazia-as trabalhar como verdadeiras escravas.

No quintal havia uma grande figueira. Quando chegou o tempo dos figos, a madraستا botou as meninas lá tomando conta para que os passarinhos não bicassem os figos.

As três coitadinhas passavam debaixo da figueira o dia todo, dizendo aos sanhaços que se aproximavam:

Xô, xô, passarinho,
aí não toques o biquinho.
Vai-te embora pro teu ninho...

Mas mesmo assim aparecia um ou outro figo bicado e a madraستا batia nas três.

Um dia em que o homem fez uma longa viagem, a madraستا aproveitou-se para mandar enterrar vivas as coitadinhas. Quando o homem voltou e indagou das filhas, a peste respondeu que haviam caído doentes e morrido, apesar de todos os remédios. O pobre pai ficou muito triste.

Mas aconteceu que no lugar onde as meninas tinham sido enterradas brotou logo um lindo capinzal — dos cabelos delas, e quando batia o vento o capinzal murmurava:

Xô, xô, passarinho,
aí não toques o biquinho.
Vai-te embora pro teu ninho...

Um negro, tratador dos animais da casa, andando a cortar capim, ouviu aqueles murmúrios e teve medo de mexer nas pontinhas. Foi contar o caso ao patrão.

O patrão não quis acreditar, e disse-lhe que cortasse o capim com murmúrio e tudo. O negro obedeceu. Mas quando levantou a foice, ouviu novamente a misteriosa voz, que dizia:

Capineiro de meu pai,
não me cortes os cabelos;
minha mãe me penteava,
minha madraستا me enterrou
pelo figo da figueira
que o passarinho bicou.

O negro foi correndo contar o caso ao patrão, com um grande susto na cara. E tanto fez que o obrigou a chegar até lá. E então, o pai das meninas ouviu o lamento das filhas enterradas.

Mandou buscar uma enxada e cavar, e retirou-as da terra, vivas por milagre de Nossa Senhora, que era madrinha das três.

Quando voltaram para casa, na maior alegria deram com a madraستا estrebuchando. Um castigo do céu tinha caído sobre a peste.

Monteiro Lobato

TEXTO 2

BRUXAS NÃO EXISTEM

Quando eu era garoto, acreditava em bruxas, mulheres malvadas que passavam o tempo todo maquinando coisas perversas. Os meus amigos também acreditavam nisso. A prova para nós era uma mulher muito velha, uma solteirona que morava numa casinha caindo aos pedaços no fim de nossa rua. Seu nome era Ana Custódio, mas nós só a chamávamos de "bruxa".

Era muito feia, ela; gorda, enorme, os cabelos pareciam palha, o nariz era comprido, ela tinha uma enorme verruga no queixo. E estava sempre falando sozinha. Nunca tínhamos entrado na casa, mas tínhamos a certeza de que, se fizéssemos isso, nós a encontraríamos preparando venenos num grande caldeirão.

Nossa diversão predileta era incomodá-la. Volta e meia invadíamos o pequeno pátio para roubar frutas e quando, por acaso, a velha saía à rua para fazer compras no pequeno armazém ali perto, corríamos atrás dela gritando "bruxa, bruxa!".

Um dia encontramos, no meio da rua, um bode morto. A quem pertencera esse animal nós não sabíamos, mas logo descobrimos o que fazer com ele: jogá-lo na casa da bruxa. O que seria fácil. Ao contrário do que sempre acontecia, naquela manhã, e talvez por esquecimento, ela deixara aberta a janela da frente. Sob comando do João Pedro, que era o nosso líder, levantamos o bicho, que era grande e pesava bastante, e com muito esforço nós o levamos até a janela. Tentamos empurrá-lo para dentro, mas aí os chifres ficaram presos na cortina.

- Vamos logo - gritava o João Pedro -, antes que a bruxa apareça. E ela apareceu. No momento exato em que, finalmente, conseguíamos introduzir o bode pela janela, a porta se abriu e ali estava ela, a bruxa, empunhando um cabo de vassoura. Rindo, saímos correndo. Eu, gordinho, era o último.

E então aconteceu. De repente, enfiei o pé num buraco e caí. De imediato senti uma dor terrível na perna e não tive dúvida: estava quebrada. Gemendo, tentei me levantar, mas não consegui. E a bruxa, caminhando com dificuldade, mas com o cabo de vassoura na mão, aproximava-se. Àquela altura a turma estava longe, ninguém poderia me ajudar. E a mulher sem dúvida descarregaria em mim sua fúria.

Em um momento, ela estava junto a mim, transtornada de raiva. Mas aí viu a minha perna, e instantaneamente mudou. Agachou-se junto a mim e começou a examiná-la com uma habilidade surpreendente.

- Está quebrada - disse por fim. - Mas podemos dar um jeito. Não se preocupe, sei fazer isso. Fui enfermeira muitos anos, trabalhei em hospital. Confie em mim.

Dividiu o cabo de vassoura em três pedaços e com eles, e com seu cinto de pano, improvisou uma tala, imobilizando-me a perna. A dor diminuiu muito e, amparado nela, fui até minha casa. "Chame uma ambulância", disse a mulher à minha mãe. Sorriu.

Tudo ficou bem. Levaram-me para o hospital, o médico engessou minha perna e em poucas semanas eu estava recuperado. Desde então, deixei de acreditar em bruxas. E tornei-me grande amigo de uma senhora que morava em minha rua, uma senhora muito boa que se chamava Ana Custódio.

Moacyr Scliar

TEXTO 3

MEUS OITO ANOS

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!
Como são belos os dias
Do despontar da existência!
— Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é — lago sereno,
O céu — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hino d'amor!
Que aurora, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!
Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!

Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!
Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberta o peito,
— Pés descalços, braços nus
— Correndo pelas campinas
A roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!
Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo.
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!
Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
— Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
A sombra das bananeiras
Debaixo dos laranjais!

Casimiro de Abreu

ANEXO B – TEXTOS SELECIONADOS PARA O CONCURSO DE LÍNGUA INGLESA

TEXTO 1

THE OLD LION AND THE FOX

An old Lion, whose teeth and claws were so worn that it was not so easy for him to get food as in his younger days, pretended that he was sick. He took care to let all his neighbors know about it, and then lay down in his cave to wait for visitors. And when they came to offer him their sympathy, he ate them up one by one.

The Fox came too, but he was very cautious about it. Standing at a safe distance from the cave, he inquired politely after the Lion's health. The Lion replied that he was very ill indeed, and asked the Fox to step in for a moment. But Master Fox very wisely stayed outside, thanking the Lion very kindly for the invitation.

"I should be glad to do as you ask," he added, "but I have noticed that there are many footprints leading into your cave and none coming out. Pray tell me, how do your visitors find their way out again?"

by Aesop

Take warning from the misfortunes of others.

<https://americanliterature.com/author/aesop/short-story/the-old-lion-and-the-fox>

TEXTO 2

THE PRINCE'S TALE

So the boy . . . the boy must die?" asked Snape quite calmly.

"And Voldemort himself must do it, Severus. That is essential."

Another long silence. Then Snape said, "I thought . . . all these years . . . that we were protecting him for her. For Lily."

"We have protected him because it has been essential to teach him, to raise him, to let him try his strength," said Dumbledore, his eyes still tight shut. "Meanwhile, the connection between them grows ever stronger, a parasitic growth: Sometimes I have thought he suspects it himself. If I know him, he will have arranged matters so that when he does set out to meet his death, it will truly mean the end of Voldemort."

Dumbledore opened his eyes. Snape looked horrified. "You have kept him alive so that he can die at the right moment?"

"Don't be shocked, Severus. How many men and women have you watched die?"

"Lately, only those whom I could not save," said Snape. He stood up. "You have used me."

"Meaning?"

"I have spied for you and lied for you, put myself in mortal danger for you. Everything was supposed to be to keep Lily Potter's son safe. Now you tell me you have been raising him like a pig for slaughter —"

"But this is touching, Severus," said Dumbledore seriously. "Have you grown to care for the boy, after all?"

"For HIM?" shouted Snape. "Expecto Patronum!" From the tip of his wand burst the silver doe: She landed on the office floor, bounded once across the office, and soared out of the window.

Dumbledore watched her fly away, and as her silvery glow faded he turned back to Snape, and his eyes were full of tears.

"After all this time?"

"Always," said Snape.

Harry Potter and The Deathly Hallows. Written by J.K. Rowling. Release date: July, 21st, 2007

TEXT0 3

HOPE

Hope Was but a timid friend;
She sat without the grated den,
Watching how my fate would tend,
Even as selfish-hearted men.

She was cruel in her fear;
Through the bars one dreary day,
I looked out to see her there,
And she turned her face away!

Like a false guard, false watch keeping,
Still, in strife, she whispered peace;
She would sing while I was weeping;
If I listened, she would cease.

False she was, and unrelenting;
When my last joys strewed the ground,
Even Sorrow saw, repenting,
Those sad relics scattered round;

Hope, whose whisper would have given
Balm to all my frenzied pain,
Stretched her wings, and soared to heaven,
Went, and ne'er returned again!

Emily Brontë

Reference: <http://etc.usf.edu/lit2go/75/poems-of-emily-bronte/5152/hope/>

ANEXO C – TEXTOS SELECCIONADOS PARA O CONCURSO DE LÍNGUA ESPANHOLA

TEXTO 1

EL MUNDO

Un hombre del pueblo de Neguá, en la costa de Colombia, pudo subir al alto cielo. A la vuelta, contó. Dijo que había contemplado, desde allá arriba, la vida humana. Y dijo que somos un mar de fueguitos. El mundo es eso -reveló- Un montón de gente, un mar de fueguitos. Cada persona brilla con luz propia entre todas las demás. No hay dos fuegos iguales. Hay fuegos grandes y fuegos chicos y fuegos de todos los colores. Hay gente de fuego sereno, que ni se entera del viento, y gente de fuego loco, que llena el aire de chispas. Algunos fuegos, fuegos bobos, no alumbran ni queman; pero otros arden la vida con tantas ganas que no se puede mirarlos sin parpadear, y quien se acerca, se enciende.

Eduardo Germán María Hughes Galeano (Montevideo, Uruguay, 3 de septiembre de 1940, - 13 de abril de 2015), fue un periodista y escritor uruguayo, ganador del premio Stig Dagerman, considerado como uno de los más destacados artistas de la literatura latinoamericana.

TEXTO 2

EL PRINCIPITO

Entonces apareció el zorro:

—¡Buenos días! —dijo el zorro.

—¡Buenos días! —respondió cortésmente el principito que se volvió pero no vio nada.

—Estoy aquí, bajo el manzano —dijo la voz.

—¿Quién eres tú? —preguntó el principito—. ¡Qué bonito eres!

—Soy un zorro —dijo el zorro.

—Ven a jugar conmigo —le propuso el principito—, ¡estoy tan triste!

—No puedo jugar contigo —dijo el zorro—, no estoy domesticado.

—¡Ah, perdón! —dijo el principito.

Pero después de una breve reflexión, añadió:

—¿Qué significa "domesticar"?

—Tú no eres de aquí —dijo el zorro— ¿qué buscas?

—Busco a los hombres —le respondió el principito—. ¿Qué significa "domesticar"?

—Los hombres —dijo el zorro— tienen escopetas y cazan. ¡Es muy molesto! Pero también crían gallinas. Es lo único que les interesa. ¿Tú buscas gallinas?

—No —dijo el principito—. Busco amigos. ¿Qué significa "domesticar"? —volvió a preguntar el principito.

—Es una cosa ya olvidada —dijo el zorro—, significa "crear vínculos... "

—¿Crear vínculos?

—Efectivamente, verás —dijo el zorro—. Tú no eres para mí todavía más que un muchachito igual a otros cien mil muchachitos y no te necesito para nada. Tampoco tú tienes necesidad de mí y no soy para ti más que un zorro entre otros cien mil zorros semejantes. Pero si tú me domesticas, entonces tendremos necesidad el uno del otro. Tú serás para mí único en el mundo, yo seré para ti único en el mundo...

(...)

El principito (en francés: ***Le Petit Prince***) es una novela corta y la obra más famosa del escritor y aviador francés Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944).

Antoine Marie Jean-Baptiste Roger Conde de Saint-Exupéry (Lyon, 29 de junio de 1900-Isla de Riou, 31 de julio de 1944) fue un escritor y aviador francés, autor de la famosa obra *El principito*.

TEXTO 3

DAME LA MANO

Dame la mano y danzaremos;
dame la mano y me amarás.
Como una sola flor seremos,
como una flor, y nada más...

El mismo verso cantaremos,
al mismo paso bailarás.
Como una espiga ondularemos,
como una espiga, y nada más.

Te llamas Rosa y yo Esperanza;
pero tu nombre olvidarás,
porque seremos una danza
en la colina y nada más...

Gabriela Mistral, seudónimo de **Lucila de María del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga**¹ (Vicuña, 7 de abril de 1889-Nueva York, 10 de enero de 1957), fue una poetisa, diplomática y pedagoga chilena. Una de las principales figuras de la poesía y literatura chilena y latinoamericana, fue la primera iberoamericana premiada con el Nobel: ganó el de Literatura en 1945.